

**A natureza e o homem.
Reflexões sobre o processo de desertificação do bioma Caatinga ao sul do Ceará e
sua relação com aquele que ali vive: o sertanejo.**

Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo^{1 2 3}

RESUMO

O presente artigo compreende reflexões sobre o avançado processo de desertificação da porção do bioma Caatinga, ao sul do Ceará, em sua relação com o sertanejo, o homem da terra. Partimos, porém, como paradigma para nossas reflexões, o já aventado por estudiosos voltados à ideia da degradação ambiental, sobretudo no Ocidente, estar atrelada à dessacralização da natureza, herança da tradição judaico-cristã, legada ao Cristianismo. Sob esse viés, procuramos refletir sobre o sertanejo, enquanto figura central naquele cenário de caatinga, domínios de Padre Cícero, considerando a religiosidade inerente à alma daquele que ali vive, sempre irmanado com a natureza que o cerca. Essa Caatinga, bioma único no mundo, guardando, entre outros valores, uma flora representada por espécies medicinais da maior importância para as Ciências Farmacêuticas, já em avançados estudos, fator este primordial para a preservação daquele bioma.

Palavras-chave: UNITERMOS: Natureza; ecologia; degradação ambiental; semi-árido caririense; tradição judaico-cristã; religiosidade sertaneja.

ABSTRACT

The propose of this article is to reflect about advanced process of desertification of the Caatinga biome portion, south of Ceará, in relation to the backwoodsman, recognized like the man of the earth. The start point, however, that we will adopt as a paradigm for our reflection, already pointed out by environmental degradation searchers, especially in the West, being linked to the desecration of nature, inheritance of the Judeo-Christian tradition, legacy of Christianity. Following this line of investigation, we seek to reflect on the backwoodsman, as a central figure in that scenario of Caatinga, domain of Father Cicero, considering the inherent religiosity of the soul of the one who lives there, always in harmony with the nature that surrounds him. This Caatinga, unique biome in the world, keeping, among other values, a flora represented by medicinal species of major importance to the Pharmaceutical Sciences, already in advanced studies, this factor primordial for its preservation.

Key-words: UNITERMS: Nature, ecology, environmental degradation, semi-arid Caririense, Judeo-Christian tradition, country religiosity.

¹ Etnofarmacobotânica.

² Membro da Sociedade Brasileira de História da Ciência.

³ Membro diretor do Centro de Estudos da Religião "Duglas Teixeira Monteiro" USP/PUC-SP.

Introdução

Sabemos resultar de milhões de anos a evolução biológica, decorrendo daí a variedade genética entre as espécies da fauna, da flora e dos micro-organismos, seres que interagem com o meio ambiente em que vivem, considerando, sobretudo os fatores abióticos, tais como as condições climáticas e geológicas.

Sabemos, ainda, do tamanho das consequências advindas das agressões ambientais, tal como, paulatinamente, vem ocorrendo, sobretudo no Ocidente, gerando desequilíbrios de consequências desastrosas, nomeadamente as alterações climáticas, as quais vêm resultando no tão discutido aquecimento global em proporções inadequadas e, conseqüentemente, vindo a gerar desequilíbrios de grandes proporções nos ecossistemas.

Assumimos no presente texto uma posição reflexiva sobre as discutíveis causas do avançado processo de desertificação que possam estar ocorrendo junto ao bioma Caatinga, na porção sul do Estado do Ceará. . Esta, a área onde vimos desenvolvendo pesquisas de Etnofarmacobotânica desde o final dos anos 90, junto ao sertanejo que ali vive em seu relacionamento com a natureza envolvente. Área tradicionalmente entendida como domínios de Padre Cícero, herdeiro este de tradições no campo religioso, ali implantadas por seu antecessor Padre Ibiapina, atuante junto às comunidades que ali iam se desenvolvendo, lá pelos meados do século XIX. Buscava Padre Ibiapina, como meta de trabalho junto ao povo daquelas paragens, a fixação do homem em seu chão de origem. Fato devido ao êxodo rural que vinha ocorrendo em direção às cidades, sobretudo, quando fugindo de epidemias de moléstias contagiosas ou de outras situações de desamparo.

Consideramos, porém o trecho do bioma em questão, como parte de seu todo, o qual segue desde o norte do Estado de Minas Gerais, avançando por todo o Nordeste brasileiro. Bioma este, único no mundo, sujeito a alterações significativas em seus ecossistemas, tanto por causas naturais como por intervenção humana. Recordamos que esta última alternativa, caso queiramos retroceder no tempo, certamente, vem desde o homem primitivo, em todo tempo e lugar, permitindo-nos conjecturar, quando já se buscava aprimorar seu conhecimento e fazer uso de elementos da natureza envolvente, sobretudo sobre as plantas, relacionando-as com alimento, doença, remédio e veneno, assim como com aquelas capazes de provocar estados alterados de consciência. Estas as mesmas que viriam a fazer parte de práticas “xamânicas”, como documentadas nas cavernas por pintores paleolíticos, segundo CAMARGO (2005/2006: 396)⁴ citando CARNEIRO (1997: 167) tendo eles deixado evidenciado práticas de xamãs em estados alterados de consciência, tese sustentada pelos autores Jean

CLOTTE e LEWIS-WILLIAM (2001) em *Chamanes de la Prehistoire. Trance et Magie dans les Grottes Ornées*.

A relação do homem com a natureza foi, também aventada pela antropóloga Angelis ARRIEN (1993: 35), quem buscou em fontes do período pré-histórico os elos que já ligavam nas sociedades Neolíticas o homem à natureza, a partir das pinturas rupestres. Observou a antropóloga estar ali representada a necessidade biológica que os seres humanos possuíam de ligação com a natureza, desenhando vários homens como se fossem árvores ou que parecessem ser “homens árvores”, assim se expressando: “O homem é um aspecto da natureza e a própria natureza é a manifestação da religião primordial”.

Reza ASLAN (2018: 26), especialista em estudos teológicos e sociologia das religiões, em *Deus. Uma história humana* busca, analisar os significados das pinturas rupestres, considerando os períodos do Paleolítico com suas representações, buscando entender quando se deu o florescimento da expressão religiosa plena. ASLAN, à pag. 30, comenta que os procedimentos aprimorados de datação, constantemente “nos forçam a reexaminar nossos pressupostos sobre até quando, na evolução humana, se pode rastrear a expressão religiosa, embora, se admita entre estudiosos que tal impulso chegue até o passado paleolítico, entre 40 mil e 10 mil anos atrás”. Este, o período em que, segundo o autor acima, “começamos a ver o florescimento da expressão religiosa plena, incluindo evidências de complexos comportamentos rituais.”

Gordon WASSON (1992) e Richard Evans Schultes *et al* (2001), aqueles que trataram de bebidas rituais, admitem que as plantas psicoativas, já mencionadas em práticas xamânicas têm servido de catalizadores espirituais, admitindo, ainda, que a maioria das religiões possam ter surgido de bebidas indutoras de estados de êxtases divinos, recordando o *Soma* sagrado da Índia. Esclarecemos, todavia, como está em CAMARGO (2014:24), que o termo *enteógeno* (do grego *entheos* – Deus dentro ou tornando Deus interiormente), mencionado acima, é empregado em substituição às designações ligadas à psicopatologias, resultando, assim, de uma decisão de antropólogos. Mas, não se trata de termo teológico ou farmacológico, mas, cultural, para designar todos os inebriantes xamânicos, como diz LUNA (1983), ao se referir às plantas *teachers* ou plantas professoras, como são chamadas pelos xamãs peruanos.

As técnicas de preparação de bebidas inebriantes faziam parte da cultura de povos primitivos, as quais eram usadas em diferentes situações ritualísticas da vida tribal. Tratando-se de tais bebidas, não podemos descartar o forte vínculo entre as plantas psicoativas e os transes místicos ou de possessão na vida religiosa do homem desde tempos pretéritos, em diferentes partes do mundo. Lembramos os antigos hidroméis fortificados à base de um constituinte farmacologicamente ativo, como diz Gonçalves de LIMA (1975: 124), podendo ser um simples dulcificante ou um estimulante no processo fermentativo, citando a antiga bebida *Soma* na literatura hindu, a qual se divinizou por afastar o sofrimento, embriagando e elevando as forças vitais, bebida

que há 3000 anos já estava no *Rig Veda*, livro dos hinos da religião ariana hindu, dedicado ao deus *Soma*, nome também dado ao cogumelo psicoativo *Amanita muscaria*, à base do qual é preparada a bebida, admitida, segundo o autor acima, como o mais antigo alucinógeno de uso ritual.

De outro lado, admite-se terem sido os antigos habitantes do Brasil detentores do conhecimento das plantas psicoativas empregadas na elaboração de suas bebidas rituais, tal como o *vinho da jurema* à base da planta *Mimosa tenuiflora*, nativa do bioma Caatinga, sacralizada, hoje, nos sistemas de crença afro-brasileiros, lembrando a bebida indiana *soma* referida acima, visto o nome *Jurema* ser designativo, também, da *planta*, da *bebida* e da divindade a ela dedicada, assim como *Jurema* é denominativo, também, de um sistema de crença no nordeste brasileiro, onde atuam os juremeiros. Vale lembrar, porém, que são conhecidas hoje várias espécies botânicas levando nome jurema, fato este que se pode admitir dever-se à grande penetração do *vinho da jurema* empregado em rituais de umbanda e de candomblé em todo o País e à não ocorrência dessa espécie botânica *Mimosa tenuiflora* em regiões que não sejam o nordeste brasileiro, planta da Caatinga, onde é nativa. Todavia, ALBUQUERQUE (1997: 87) relaciona 19 espécies botânicas conhecidas por jurema. Tal fato denota a ausência da espécie *Mimosa tenuiflora* em outras regiões do País para onde teriam se dispersados os rituais religiosos que empregam aquele vinho. Ritual este originário historicamente daqueles desenvolvidos pelos índios Pancararu do Pernambuco, cuja planta ritual usada foi primeiramente estudada por Oswaldo Gonçalves de LIMA (1946) em *Observações sobre o vinho de jurema utilizado pelos índios Pankararu Tacaratú (PE)*, como está em *Arquivos do Instituto de Pesquisas Agronômicas. Recife: 4; (1946: p. 46-80)*. Conforme estar, ainda registrado em sua magistral obra *Pulque, Balchê e Pajauaru na Etnobiologia das bebidas e dos alimentos fermentados*.

I. A sacralização da natureza.

Conforme Mircea ELIADE (1996: 99), [...] “Para o homem religioso, a natureza nunca é exclusivamente natural, está sempre carregada de um valor religioso”. Esta interpretação torna-se compreensível visto, como diz o autor, entender o Cosmos enquanto uma criação divina e, assim, “saindo das mãos dos deuses o Mundo fica repleto de sacralidade.

Em se buscando tratar da natureza em seu perfil sacral, certamente, nosso foco de atenções volta-se a todas suas representações, desde os diminutos microrganismos até os avantajados representantes da fauna e flora, considerando, ainda, o clima e o solo, a chamada biodiversidade. Tal fato nos permite recordar que em passado distante animais eram imolados em sacrifícios às divindades e vegetais eram cremados e altares, práticas dedicadas aos deuses. Era a própria sacralização da natureza como parte da vida entre povos de um passado distante.

Sobre a perspectiva do homem das sociedades arcaicas, diz, ainda, Mircea ELIADE (1996: 137, 141):

[...] a vida como um todo é suscetível de ser santificada. São múltiplos os meios por que se obtém a santificação, mas o resultado é quase sempre o mesmo: a vida é vivida num plano duplo; desenrola-se como existência humana e, ao mesmo tempo, participa de uma vida trans humana, a do Cosmos ou dos Deuses. [...] O Cosmos foi imaginado sob a forma de uma árvore gigante. [...] Ao nível da experiência profana, a vida vegetal revela apenas uma sequência de “nascimentos e mortes”. É a visão religiosa da Vida que permite decifrar outros significados no ritmo da vegetação, principalmente as ideias de regeneração, de eterna juventude, de saúde, de imortalidade. [...] A imagem da árvore não foi escolhida unicamente para simbolizar o Cosmos, mas, também, para exprimir a Vida, a juventude, a imortalidade, a sapiência. [...]

Ao voltarmos a atenção à natureza, focando nossas atenções nos vegetais, buscamos destacar as espécies de odores agradáveis as quais eram dentre povos antigos, dedicados às divindades e as de odores desagradáveis, visando espantar animais ou deuses maléficos. Vamos encontrar no Egito (3.000 a.C.) a cremação de plantas aromáticas em altares dedicados a seus deuses e, dentre elas estavam espécies psicoativas como documentam SCHULTES⁵ & HOFMAN & RATSCH (2000: 72,86,88) em *Plants of the gods*, visando, segundo os autores, “contatos com entidades em outro plano, não o terráqueo”.

As plantas com destaque para as aromáticas tinham, ainda, espaços reservados para o deleite, de quem as cultivava, guardando o respeito ao sagrado que as mesmas impunham, cultivando-as para momentos de reflexão e de lazer. Tornaram-se históricos os jardins da Antiguidade. Persas, egípcios, gregos, romanos entre outros povos cultuavam a natureza a ponto de se dedicarem às plantas criando jardins. Estes, admitindo-os como jardins sensoriais eram espaços fechados, lugares de tranquilidade espiritual com a predominância de plantas despreendendo diferentes aromas, ao mesmo tempo em que o murmúrio da água jorrando de fontes produzia efeito relaxante.

O elemento vegetal e sua relação com o povo egípcio, desde o Neolítico ficou evidenciado em vestígios de restos mortais de um homem envolvido em plantas aromáticas identificadas pelos resíduos de grãos de pólen (CUNHA⁶, 2012). Os egípcios adoravam as plantas aromáticas, as dedicando à deusa Isis e as cultivando em jardins fechados. Conhecedores das propriedades antibacterianas de espécies aromáticas, os egípcios usavam-nas em processos de embalsamamento, assim como as cremavam em altares dedicados a seus deuses. Tais plantas desempenhavam importantes papéis na vida do povo, admitindo que as de odor agradável eram empregadas para pedir proteção aos deuses e as de odor desagradável, para afugentar os maus espíritos.

Usavam os egípcios em seus rituais o incenso (*Aquilaria agallocha*), planta que já era empregada pelos judeus em cultos religiosos e o cristianismo adotou-o em seus rituais para incensar, principalmente, o altar e tudo o mais presente na hora da consagração. Ainda, veneravam os egípcios a flor de lótus (*Nymphaea alba*), levando-a junto aos mortos para o sepultamento, admitindo aplacar o apetite sexual, devido

sua propriedade anafrodisíaca, como mostram pinturas reproduzidas em tumbas, representando o morto portando a flor de lotus (CAMARGO⁷, 2014: 46). Das plantas que mais suscitaram a imaginação daqueles que no Egito, atribuíam à elas poderes afrodisíacos, destacava-se a mandrágora (*Madradora officinarum*), cujas raízes apresentam em sua composição química os alcalóides psicoativos: atropina, escopolamina e hiosciamina, segundo (SCHUITES *et al* 2001: 49). Porém, tais atividades afrodisíacas atribuíam, também, à sua raiz assemelhando-se ao corpo humano, planta chamada por Pitágoras de *antropomorphon* QUER (1978: 594-5). Ainda, em pleno uso entre aquele povo, estava o opio obtido do latex das capsulas imaturas da papoula (*Papaver somniferum* variedade *alba*), planta já conhecida dos sumérios, antigos povos da Babilônia, cerca de 4000 anos a.C., por suas propriedades de provocar o sono e eliminar a dor. Desta planta, posteriormente isolou-se a morfina, o alcaloide presente no ópio, segundo SCHULTES *et al* (2002; 20). Morfina, nome dado em homenagem ao deus grego Morpheus, deus do sono, então usado em cirurgias como anestésico. Foram muitas outras as plantas usadas pelos povos da Antiguidade, sobretudo na Mesopotâmia onde foram encontrados os primeiros documentos sobre plantas com fins curativos em tabuinhas de argila em escrita cuneiforme, contendo receitas medicinais (CAMARGO, 2014:40)

Ainda, na Mesopotâmia, entre os rios Eufrates e Tigre, (605 a.C), já conhecedores de agricultura e irrigação, sob ordens de Nabucodonosor, construíram o famoso Jardim Suspenso da Babilônia, edificando terraços apoiados em colunas muito altas, visando serem os mesmos admirados a distância, onde plantavam árvores e arbustos frutíferos, além de espécies herbáceas, toda despreendendo diferentes aromas capazes de diferentes sensações.

Na Idade Média europeia, porém, com a queda do Império Romano (476 d.C.) houve um desinteresse cultural em relação à jardinagem, com o surgimento das cidades fortificadas e sem espaços para jardins, passando os mesmos a serem cultivados nos mosteiros, em áreas afastadas.

Mircea ELIADE⁸ (1996: 164), assim diz:

Conhecer as situações assumidas pelo homem religioso, compreender seu universo espiritual é, em suma, fazer avançar o conhecimento geral do homem. É verdade que a maior parte das situações assumidas pelo homem religioso das sociedades primitivas e das civilizações arcaicas há muito tempo foram ultrapassadas pela História. Mas, não desapareceram sem deixar vestígios: contribuíram para que nós tornássemos aquilo que somos hoje; fazem parte, portanto, da nossa própria história.

Encaixando no que antes diz Eliade, temos nosso sertanejo em sua intimidade com as caatingas, hoje, portando uma religiosidade firmada num catolicismo herdado de um passado não muito distante provavelmente, sem os mesmos rigores daqueles tempos que já se foram, quando Padre Ibiapina e, posteriormente, Padre Cícero semearam

preceitos religiosos e cuidados para com a natureza envolvente. Assim, apoiados nesse catolicismo que os conforta, lá vai, carregando nos ombros a aridez daquelas caatingas com todas suas carências, quem ali vive – o sertanejo. Porém, peso que se alivia em sua crença na garantia de salvação, na vida eterna, o consolo pelas agruras vividas. Nesse sentido, lembramos CARVALHO (2013) na primorosa obra *Natureza, Território e convivência. Novas territorialidades do semiárido brasileiro*, embora trate a autora da região mais abaixo, no entorno do rio São Francisco, assim dizendo: “[...] o sertanejo aprende desde cedo a lidar com o ciclo natural e dele elaborar sua cotidianidade entre o tempo verde ou do excesso e o tempo seco, da escassez”.

II. A dessacralização da natureza.

Esta, a forma de se expressar quando se admite a natureza ter perdido seu caráter sacral, razão das agressões por que vem sofrendo, ideia, à qual colocamos algumas ressalvas, ao refletirmos sobre os percursos pelos quais permeiam esse pensamento, sobretudo quando nossas atenções se voltam àquele pedaço do sertão cearense ao sul do Estado em seu relacionamento com aquele que ali vive, o sertanejo.

Parece ter sido adotada por consenso entre estudiosos em assuntos dizendo respeito à dessacralização da natureza, sobretudo, no mundo ocidental, a partir da ideia de que tal fato teria suas raízes na tradição judaico-cristã, legada ao cristianismo. Dentre os autores que transitaram por esse caminho, está Lynn WHITE Jr.⁹ (1967:1203): *The historical roots of our environmental crisis*. Segundo White Jr., “nossa ciência e tecnologia surgiram da atitude cristã para com a relação entre o homem e a natureza e que esta não tem outra razão para existir a não ser para servir o ser humano”.

De fato, dentro da tradição teológica cristã, vamos encontrar no Antigo Testamento, em neles” e no parágrafo 26 está: *Disse também Deus: Façamos o homem à nossa* Gênesis ver. 1 # 26. “[...] o Senhor Deus como o criador do Céu e da Terra e tudo que há *semelhança, o qual presida s s peixes do mar, às aves do céu, às bestas e a todos os répteis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra. E criou Deus o homem à sua imagem: fê-lo à imagem de Deus e criou-os macho e fêmea*’.

A própria narrativa sacerdotal da criação na Bíblia hebraica tem essa peculiaridade: o último ato da criação é a do ser humano a partir do qual o resto adquire significado, levando a se admitir, como diz White Jr. na obra acima citada, “ser o cristianismo a mais *antropocêntrica das religiões*”. O argumento de White Jr. referido, baseado na teleologia judaico-cristã, onde parece tudo estar em função da redenção do humano, segundo a qual, diz ele ser “a moldura dentro da qual foi possível o desenvolvimento da ciência ocidental”.

Pautando sobre o argumento de White Jr. acima referido, todavia, vimos a refletir sobre o que comenta o físico Fritjof CAPRA (1997: 38) em sua obra *O ponto de mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente*:

A noção do homem como dominador da natureza e da mulher e a crença no papel superior da mente racional, foram apoiadas e encorajadas pela tradição judaico-cristã, a qual adere à imagem de um deus masculino, personificação da razão suprema e fonte de poder último, que governa o mundo a partir do alto e lhe impõe sua lei divina. As leis da natureza investigadas pelos cientistas eram vistas como reflexos dessa lei divina, originada no espírito de Deus.

Porém, para uma interpretação dos dizeres daquele capítulo bíblico em *Genesis* versículo 1, # 26, citado acima: “(...) o qual presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas e a todos os répteis, que se movem sobre a terra, e *domine* em toda a terra”, julgamos importante considerarmos a observação que fazem REIS & BIZAWU (2015: 34) ao se referirem ao termo “*domine*”, ali presente:

Uma das traduções do verbo ‘dominar’ em latim é ‘*praesesse*’. Em várias versões da Bíblia latina, a palavra aparece no versículo 26, como ‘*praesint*’ (“*Et ait Deus: faciamus hominem ad imaginem et similitudinem mostram et praesint piscibus maris et volatilibus caeli et bestiis universaeque terrae omnique reptili quod movetur in terra*”), ou seja, 3ª pessoa do plural do presente do conjuntivo. O sentido próprio da palavra é ‘estar à frente’, ‘estar à testa de’ ‘presidir’ e ‘comandar’. É interessante frisar que outra tradução em sentido poético é ‘proteger’. Nesse sentido, o termo ‘dominar’ não significa, necessariamente, destruir e aniquilar, o que muitas interpretações contemporâneas fizeram.

Todavia, a expressão “antropocêntrico”, atribuído ao Cristianismo foi preocupação do Papa Francisco, levando-o a redigir a Carta *Encíclica Laudato Si*, visando defender ações para enfrentar as causas das mudanças climáticas e consequente degradação dos ecossistemas, buscando “reinterpretar uma possível leitura antropocêntrica do *Antigo Testamento*, livro *Gênesis* # 26 onde diz: “*Frutificai, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra*”. O Papa Francisco vem a substituir a imagem de um ser humano dominador pela ideia de ‘cuidador’ e ‘administrador responsável’, conforme comenta ALVES (2015: 1327).

III. Cariri no Semiárido ao sul do Estado do Ceará. Área em foco: o bioma Caatinga e o sertanejo em nossas reflexões.

Sobre as posições acima assumidas pelos autores referenciados, apoiadas na tradição judaico-cristã, para justificar as agressões por que vem sofrendo a natureza, sobretudo no Ocidente, nos posicionamos diante daquele chão caririense por nós delimitado para reflexões, nos perguntamos: aquele pensamento se enquadra na vivência sertaneja das Caatingas daquelas paragens? Admitimos que não, pois o sagrado, além de imanente na alma do sertanejo, estende-se a tudo que a natureza encerra naquele reino de graças emanadas sobretudo de Padrinho Cícero, sempre em socorro das carências de seu povo, segundo ali se crê. Neste sentido, retomamos a posição de WHITE JR. (1967:1203), aquela já anteriormente referida quando admite

ser o Cristianismo a mais antropocêntrica das religiões. No entanto, teria sido ele mesmo, White Jr., quem vai buscar no “misticismo do Cristianismo oriental, na piedade de Francisco de Assis, o antídoto religioso para as mazelas do Ocidente, chegando a propor Francisco de Assis como “o santo patrono dos ecologistas”, lembrando que, posteriormente, segundo o autor, teria sido o Papa João Paulo II quem o declarou santo patrono da Ecologia.

Corroborando com o pensamento de White Jr., transcrevemos alguns louvores extraídos de *Escritos de São Francisco*¹⁰ (2013: 47):

[...]”Louvado sejas, meu Senhor, pelo meu irmão vento, pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e por todo tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento”.

[...] “Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a Mãe Terra, que nos sustenta e governa e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas”
[...]

IV. Cariri no Semiárido ao sul do Estado do Ceará. Área em foco: Bioma Caatinga.¹¹

Esta, a região por onde vimos palmilhado desde o final dos anos 90, em pesquisas de etnofarmacobotânica e onde recaem nossas reflexões sobre o desastroso processo de desertificação do bioma Caatinga e sua relação com o povo que ali vive.

Assim, concentramos nossas atenções na região sul do Ceará em terras Cariri, em pleno semiárido, guardando o bioma Caatinga com as riquezas que encerra e único no mundo, em adiantado processo de desertificação. Bioma precioso ensinando aos sertanejos daqueles rincões, a arte da sobrevivência, aqueles que ali vivem em comunhão com a natureza. Assim, impregnado de religiosidade, segue o sertanejo castigado pelos prolongados períodos de seca, dialogando com a natureza. Intrépido conhecedor do comportamento de tudo que por ali circula, desde os diminutos insetos até os animais dos mais variados portes e as aves dominando o céu e o vento no conduzir das nuvens anunciando se vai ou não chover naquele chão pedregoso, tal como teria sido nas longínquas terras onde há muito tempo nasceu o Cristianismo.

Pois, o bioma Caatinga nos faz parecer estar ali, numa linguagem muda, dialogando com o sertanejo . Convivendo com os prolongados períodos de seca, esta Caatinga e as outras, as quais, a partir do norte do Estado de Minas Gerais vão dominando nordeste afora, com sua “variedade de solos, que por suas

¹¹ Esta, a área delimitada pela autora para as pesquisas iniciadas no final dos anos 90, cujos resultados vêm sendo publicados em livros e artigos.

características, manejo e situação no relevo, podendo potencializar os processos erosivos, determinantes no desencadeamento da desertificação”, como dizem SÁ *et al* (2014). Tal processo faz com que parte de sua vegetação, as espécies caducifólias, percam as folhas nos períodos de seca, transformando a floresta em um conjunto acinzentado de galhos entrelaçados. Pois, essa mesma caatinga guarda um manancial de espécies vegetais de surpreendentes valores medicinais. Entendida como a farmácia a céu aberto do povo que ali vive, faça sol ou faça chuva, pois cascas e entrecascas de espécies lenhosas, estão disponíveis tanto em seus habitats naturais como nas feiras livres das cidades da região em foco. Pois, são espécies guardando potenciais valores de múltiplas atividades farmacológicas, entre outras: anti-inflamatória, anti-infecciosa, antisséptica, antipirética, cicatrizante e, sobretudo, antioxidante. Esta última atividade de suma importância, visto sua relação com os flavonoides, substâncias fenólicas resultantes do metabolismo secundário das plantas de caatinga, visando a proteção das mesmas, já em avançadas pesquisas voltadas às atividades farmacológicas, sobretudo na cura e prevenção do câncer.

Pois, é mágica a flora ali vicejante, naquela caatinga em apreço, visto o derrubar das folhas logo no início do período de seca, vindo a significar menos perdas hídricas, armazenando água em diferentes partes da planta, até a chegada das chuvas hibernais. Consideramos, ainda, aquelas espécies vegetais as quais, no período de seca, não perdem as folhas, mantendo-as em abundância. Dentre elas, a planta símbolo da Caatinga, o juazeiro (*Zizyphus joazeiro*) entre outras espécies lenhosas, próprias daquele bioma, as quais guardam em suas cascas e entrecascas ou outras partes da planta, uma riqueza de princípios ativos medicinais, muitos já conhecidos das Ciências Farmacêuticas. Citamos, ainda, os frutos comestíveis, alimentos comuns na mesa do nordestino daquelas paragens, a exemplo da frondosa e belíssima árvore conhecida por umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) ou o híbrido natural entre as espécies *S. tuberosa* e *S. mombim*, conhecidas por jacá. O umbuzeiro faz, ainda, desenvolver recursos de adaptação ao semiárido, formando em suas raízes superficiais, xilopódios - túberas ou “batatas de umbu”, na linguagem popular. Estes, constituídos de água e substâncias nutritivas, garantem a sobrevivência dessas espécies arbóreas, durante o prolongado período de estiagem, além de saciar a sede de quem por elas passa, buscando água nas túberas das raízes superficiais. Porém, estas espécies entre outras, perfazendo 21 já foram por nós referidas em CAMARGO (2018), além de outras tantas, conforme está em ALBUQUERQUE *et al* (2005); ROQUE *et al* (2010), e em outros pesquisadores que já levantaram as espécies medicinais da caatinga dessa região.

V. A região em foco no processo histórico de ocupação.

Buscando entender sobre o que representa hoje o bioma Caatinga, na porção sul do Ceará e o futuro que o aguarda, indicando caminhar para um a total desertificação, fomos encontrar em Max WEBER (1980: 136-148), o fio da meada que vem entrelaçando o processo histórico de ocupação daquela área e adjacências. Pois, Weber retrata como teria sido aquele processo envolvendo as novas terras conquistadas na política Colonial do século XVI ao XVIII, ao se reportar à exploração de grandes regiões fora da Europa, gerando daí uma gigantesca acumulação de riqueza dentro da Europa. E, nesse processo, acrescentamos na própria transformação histórica, lá para frente, a ascensão da burguesia nas colônias, classe social de diferentes facetas, tão bem retratadas por Weber na obra citada, às páginas 146-158. *Status quo*, entendemos, encaminhando para uma injustiça social na divisão de terras, tal como ocorreu em solo brasílico, desde quando da histórica seção de Sesmarias, quando aquelas terras hoje cearenses ainda pertenciam ao Pernambuco. Assim, aquela região sul foi sendo dividida em grandes glebas, cujos sesmeiros, seus proprietários, residindo no litoral, mantinham a casta dos vaqueiros para cuidar das boiadas dos currais espalhados por toda aquela região, visto que, só bem mais tarde assumem suas propriedades, onde passam a residir. DIAS (2006: 424) detalha bem esse período histórico da ocupação daquele sertão já cearense quando:

[...] Uma verdadeira caçada aos nativos é empreendida. Sob o pretexto de cometerem atos de pilhagem e homicídios, eram atacados com tanto furor pelos predadores de índios que nem mesmo as crianças eram poupadas, mortas cruelmente.

[...] As expedições com 100, 200 até 400 homens, eram equipadas pela própria metrópole portuguesa que mandava distribuir entre os colonos, recursos, armas de fogo, munição como pólvora, cavalos, canoas e até grandes barcos para navegarem pelos rios. Como recompensas por terem “limpado o terreno do gentio selvagem”, recebiam, grandes extensões de terras doadas em sesmarias, tanto pelo governo português, como pelas autoridades do Ceará, Pernambuco e Bahia, para a implantação de grandes fazendas de gado. Um dos maiores sesmeiros, Domingos Jorge Velho, chegou a possuir uma área de 10 a 12 léguas de extensão, o equivalente a 24.000 km.

Recordemos que Domingos Jorge Velho, bandeirante paulista, surge no cenário nordestino para combater os povos indígenas, aqueles que mais se rebelavam contra a tirania dos conquistadores. Eram eles os denominados tapuias, como está em BUITONI (2002: 70, 77):

Na segunda metade do século XVII, no quadro das insurreições indígenas na fronteira sertaneja do Brasil, o bárbaro seria, em suma, colocado mais além. O bárbaro era o tapuia. Nesse sentido, a polaridade preponderante correspondia a uma forma sutil da corte "cristandade e gentilidade". Sutil, porque se entendia que, nos marcos do ecumenismo católico, a gentilidade se punha de maneira privilegiada no espaço da propagação da fé, de modo sua brandura ontológica era, na verdade, contrastada pela dureza imaginada no universo da barbárie.

[...] a Guerra dos Bárbaros foi igualmente tomada pela historiografia como uma confederação das tribos hostis ao império português, um genuíno movimento organizado de resistência ao colonizador.

Diz APOLINÁRIO (2009), citando PIRES (1990: 33). “Com o crescimento da economia a pecuária, no “*hinterland*” da extensa região semiárida nordestina do Brasil colônia, depois da expulsão dos holandeses, as terras indígenas passaram a ser, continuamente açambarcadas e as relações entre os povos Tapuia e colonizadores tornaram-se, ainda mais, conflituosas, desencadeando práticas contínuas de resistências indígenas, conhecida como “Guerra dos Bárbaros”. Conflito que se deu por quase cem anos entre os séculos XVII até a segunda metade do século XVIII, alcançando desde os sertões da Bahia até o Matanhão.

Ainda em PIRES (1990), em decorrência daquele quadro que se expunha no nordeste brasileiro, foi incentivado o “bandeirismo de contrato”, por parte do Governo Geral, entendendo este “a extrema importância de utilizar a experiência destes sertanistas, para combater os conflitos com os povos indígenas”, incentivado pelas “particularidades dos paulistas, durante o fim do século XVII e primeira metade do XVIII”.

Por aquele período, segundo SIQUEIRA (2007: 125) a lei das Sesmarias se firmou com a condição de posse, na obrigatoriedade de cultivo, no aproveitamento das terras doadas. Na medida em que “os sesmeiros se aprofundavam pelo interior adentro, na conquista e consolidação do espaço agropastoril, recrudescia a violência contra povos indígenas, especialmente pela resistência que estes ofereciam contra a prepotência de um colonizador que os consideravam ‘bárbaros’, portanto, inimigos declarados de uma guerra tida como justa.”

Prosseguindo, diz o autor acima: “Características históricas de natureza política e cultural reforçam o mandonismo local, na vida política brasileira, em especial no semiárido nordestino, uma cultura que reproduz hegemonicamente, o sistema de poder baseado no domínio territorial em decorrência da reiteração de sua história colonial”.

Alinhamos ao quadro acima descrito da ocupação da região sul do Ceará com a criação do gado, de como poderia ter sido o início, ali, da degradação daquele solo, em pleno semiárido, guardando este, o precioso bioma Caatinga. Considerando, todavia que o regime pastoril no Ceará vivenciou duas fases, conforme está em Airton FARIAS (2015) em *História do Ceará*. A primeira fase teria sido entre 1680 e 1720, quando os proprietários das terras ainda não viviam em suas propriedades e a segunda fase iniciada por volta de 1720, quando da instalação dos proprietários em suas terras como já referido acima.

Sobre quais poderiam ter sido as causas que possam ter dado início à degradação daquele ambiente da caatinga cearense, vale atentarmos ao que já dizia o botânico Prof. Dr. Mário Guimarães FERRI da Universidade de São Paulo (1974: 20):

Colocado numa área qualquer o gado corta as gramíneas necessárias à sua alimentação. De outro lado, caminhando com o peso considerável do seu corpo, repetidas vezes sobre a mesma superfície, vai o gado comprimindo, compactando o solo em suas camadas superficiais e assim modificando suas qualidades físicas: as partículas sólidas se aproximam diminuindo os espaços entre elas existentes; com espaços menores entre as partículas, o solo não pode manter a mesma quantidade de ar e de água. Também, não drena bem a água e, assim, na época de seca o solo se apresenta muito seco e duro, e na estação chuvosa

fica encharcado, isto é, excessivamente molhado, na superfície. Mas, de um lado o gado come o capim, retirando muita matéria orgânica (principalmente carboidratos) da área em que está confinado, ele devolve matéria orgânica ao solo, com suas fezes e urina, ricas em compostos nitrogenados. Vemos pois, que o solo sofre modificações físicas, sofre também alterações químicas as quais induzem novas mudanças. Com a adição de partículas orgânicas, de natureza coloidal, os fenômenos físico-químicos que se passam na superfície das partículas, dependendo, pois, do tamanho destas, sofrem, igualmente, modificações. Quanto menores forem as partículas, maior número existirá num dado volume de solo, e assim a superfície das partículas cresce de modo universalmente proporcional ao seu tamanho. As mudanças físicas e químicas mencionadas fazem com que muitas espécies de gramíneas existentes no início desapareçam e em seu lugar surjam outras espécies de exigências diferentes. Também plantas de outros grupos, que não existiam naquele campo, inicialmente, podem agora aparecer e, se desaparecem certas espécies de animais que se alimentavam das primeiras, surgem em seu lugar, outras espécies que preferem as novas plantas como alimento. Ainda, a microflora e a micro fauna existentes no solo sofrem modificações com as mencionadas as alterações introduzidas na área considerada. É claro que esses fenômenos terão uma velocidade maior quanto maior o número de reses por unidade de superfície.

Consideramos porém, os avanços científicos hoje desenvolvidos na interpretação desse processo de degradação sofrido pelo bioma Caatinga. Pois, nos trabalhos desenvolvidos por SÁ *et al* (2014) há apontamentos sobre os níveis de degradação que já vinha sofrendo aquelas terras.

[...] 65% da porção sul do Estado do Ceará encontram-se na situação de sensibilidade à desertificação em que predominam as classes de Acentuada e Severa. Estes níveis de sensibilidade estão diretamente relacionados à falta de uma boa cobertura vegetal dos solos, ocasionadas, muitas vezes, pelo desmatamento para implantação de campos agrícolas, assim como pelo manejo inapropriado dos solos.

Solo este, como diz Ferri acima citado, já em início de alteração pelo desempenho da atividade pastoril desde o alvorecer do século XVIII. Porém, diz MENDES (1994), ao admitir ser o desmatamento a principal causa, tanto da desertificação como da diminuição da biodiversidade:

A retirada da cobertura vegetal elimina quase que totalmente, a diversidade A vegetal e reduz a animal pela alteração do habitat, além de desproteger o solo dos agentes erosivos (ventos e chuvas) e aumentar o albedo da área e a temperatura do solo, o que propicia a oxidação da sua matéria orgânica. O solo nu e desprotegido fica exposto às erosões eólica e hídrica, e arrastam as pequenas partículas (argila, silte e grânulos orgânicos), tornando-o menos fértil e com menor capacidade de armazenamento de água.

Acompanhemos o pensamento de Fritjof CAPRA (1982: 38) em obra já acima referida:

Hoje, está ficando cada vez mais evidente que a excessiva ênfase no método científico e no pensamento racional, analítico, levou a atitudes profundamente antiecológicas. Na verdade, a compreensão dos ecossistemas é dificultada pela própria natureza da mente racional. O pensamento racional é linear, ao passo que consciência ecológica decorre de uma intuição de sistemas não lineares. [...] Os ecossistemas sustentam-se num equilíbrio dinâmico baseado em ciclos e flutuações que são processos não lineares. [...] Tal sabedoria intuitiva é característica das culturas tradicionais, não letradas, especialmente as culturas dos índios americanos, altamente refinada do meio ambiente.

VI. A desertificação do bioma Caatinga na vivência de sua gente – o sertanejo.

Refletindo sobre as possíveis causas do avançado processo de desertificação daquela porção do bioma Caatinga ao sul do Ceará, descartamos de imediato, a ideia

da dessacralização da natureza , já aventada, justo ali, em pleno domínio de Padre Cícero. Este, seguindo as pegadas de seu antecessor Padre Ibiapina, já referido, desde o início de suas pregações durante as missões por ele desenvolvidas lá pelos meados do sec. XIX, buscava difundir concepções ecológicas, as quais, admitimos, devem ter influenciado as relações de convívio do homem do sertão com a natureza envolvente, por aquelas comunidades que foram se formando pelo interior a dentro. E o que diz WALKER (2006), apontando os 10 mandamentos, segundo rezavam aqueles ditames:

1. Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau.
2. Não toque fogo no roçado nem na Caatinga.
3. Não cace mais e deixe os bichos viverem.
4. Não crie o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer.
5. Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o Mato protegendo a terra. para que. a água não arraste e não se perca a sua riqueza
6. Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva
7. Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta.
8. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba , de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só.
9. Aprenda a tirar proveito das plantas da Caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca.
10. Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer.

VII. Reflexões sobre o fator religioso no vivenciar do homem do sertão em sua relação com o processo de desertificação do bioma Caatinga.

Considerando, todavia, outras visões que possam advir do desastroso quadro que se assiste naquele semiárido cearense, vimos a lamentar tal desastre ao atingir o bioma Caatinga guardando um manancial de bens naturais e culturais. Bens que tendem a desaparecer ou a se redefinirem em outros perfis, em curto ou largo espaço de tempo. Fato esse o qual, conjecturamos não advir de uma suposta dessacralização da natureza, pois o sagrado é inerente à alma do cearense daqueles rincões, entendendo a natureza como dádiva divina e assim, entendendo-a como sagrada. Nesse sentido vale aqui a leitura de uns versos escritos pelo poeta do sertão PATATIVA DO ASSARÉ (2003: 327), o grande versejador sertanejo, aquele que cantou seu rincão e sua gente, suas alegrias e seus penares, enaltecendo o sagrado em tudo que a natureza ali representa para o homem, aquele poeta que, certamente, está sentado no trono da eternidade, privilégio de poucos. Lembremos que em seus versos, como num ato mágico, ele expressa as ideias de São Francisco registradas no início destes escritos. Associa ao sagrado os itens da natureza, tal como abaixo transcrevemos, retratando a situação reinante no sertão cearense, herança, pode-se admitir, de um Brasil colonial de critérios desiguais na divisão de terras, porém, se refugiando numa religiosidade que

o conforta, admitindo poder vir a ser recompensado na eternidade, quando de sua passagem desta vida cheia de carências e magoas.

A terra é naturá

(...)

Seu dotô, que estudou munto

E tem boa inducação,

Não ignore este assunto

Da minha comparação,

Pois este pai de famia

É o Deus de Soberania,

Pai do meu sinhô e pai meu,

Que tudo cria e sustenta,

E esta casa representa

A terra que ele nos deu.

o pai de famia honrado,

a quem tô me referindo

É Deus Nosso Pai Amado,

Que lá do céu tá me uvindo,

O Deus justo que não erra

E que pra nois fez a terra,

-

EsTe o planeta comum,

Pois a terra, com certeza,

É obra da Natureza

Que pertence a cada um.

-

Esta terra como o Só

Que nasce todos os dias,

Briando o grande, o menó

E tudo que a terra cria.

E Só qui clareia as monte.

E também a água da fonte.

Com sua luz amiga,

Protege no mesmo instante,

Do grandalão elefante

A pequenina formiga.

-

[...] Pois o vento, o Só, a Lua,

A chuva e terra também,

Tudo é coisa minha e sua,

Seu dotô conhece bem.

Pra se sabe disso tudo

Ninguém precisa de estudo.

Eu sem escrevê, nem lê,

conheço desta verdade.

Seu dotô, tenha bondade

De uvi o que vou dizê.

Não invejo o seu tesôro,
Suas mala de dinheiro,
A sua prata, o seu ôro,
O seu boi, o seu carnêro,
Seu repouso, seu recreio,
Seu bom carro de passeio,
Sua casa de mora
E a sua loja surtida,
O que quero nesta vida
É terra pra trabaiá. [...]

-

Escute oque tou dizendo,
Seu dotô, seu coroné:
De fome tão padecendo
Meus fio e minha muié.
Sem briga, questão, nem guerra
Meça desta grande terra
Uni as tarefa pra eu!
Tenha pena do agregado,
Não me dêxe deserddado
Daquilo que Deus me deu.

A sacralidade da natureza na percepção do sertanejo, como é possível de se perceber, está cravada nos versos do poeta. Tais ideias, certamente calcadas numa cultura guardando resquícios religiosos de um catolicismo digamos popular, o qual vem se amoldando segundo vão sendo as vivências do homem daquelas paragens, no suceder dos séculos. Como diz Rute TERRA (1983) em *Memórias de luta: (...)* “Cultura esta que não está sujeita, em suas operações cotidianas, ao domínio restrito dos poderosos, podendo, portanto, ser rebelde em defesa dos costumes que favorecem o povo”. Neste sentido, consideramos ser o homem que ali vive portador de uma bagagem cultural, a qual vai acumulando no decorrer do tempo, a partir de sua aguçada capacidade de observação do comportamento da natureza à sua volta. Esse é um saber caracterizado como cultura popular, por vezes entendido como inferior à cultura hegemônica oriunda de instituições de ensino. Entretanto, entendemo-la como cultura portadora de valores próprios não devendo ser entendida como inferior à outra, mas, apenas diferente, vicejando harmonicamente, lado a lado nas sociedades brasileiras, tanto urbanas como rurais.

As colocações acima leva-nos a reportar à pesquisa de Marcelo Theophilo FOLHES do Instituto de Pesquisas Espaciais e do antropólogo Nelson DONALD (2007) pois, ambos escreveram *Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: O conhecimento popular à serviço da ciência:*

No semiárido cearense, o sertanejo luta para conviver com os obstáculos naturais adaptando seus modos de vida às imposições de um meio ambiente extremamente hostil. Ele cria estratégias de sobrevivência apoiadas em conhecimentos empíricos acumulados ao longo de muitas gerações, e coloca

a seca no centro de sua estratégia econômica e de vida, para, assim, minimizar o risco de perdas e de fracasso na produção dos meios de sobrevivência.

Para a realização da pesquisa acima referida, os autores dividiram em grupos as maneiras como o sertanejo nordestino observava os sinais, os quais, revelavam algo sobre o clima do próximo ano, buscando saber se o mesmo seria seco ou chuvoso, a partir do canto dos pássaros, da atitude e conduta dos animais, do comportamento das formigas, das plantas, das nuvens no céu, enfim, de todo o comportamento da natureza que os envolve, admitindo, mesmo, que as experiências de chuva do agricultor nordestino tinham correspondência com outros povos.

Destacam, ainda, os autores acima:

Fazemos votos para que um dia os saberes populares despertem nos cientistas interesses em vasculhar os valores ali embutidos, seja qual for o campo da ciência a ser envolvido.

[...] a decisão de quando plantar é tomada individualmente por cada produtor rural e que na mente de todo sertanejo existe um “profeta da chuva”, torna-se de fundamental importância a consideração do conhecimento empírico por parte do conhecimento científico. Essa aproximação poderia trazer maior credibilidade à informação climática e melhorar os canais de comunicação, beneficiando em última instância o produtor rural do semiárido.

Desprezar o saber popular, em toda sua carga de valores culturais, seja de cunho religioso ou não, os quais poderiam dar sua contribuição ao avanço científico em várias áreas do conhecimento é a forma etnocêntrica que ainda viceja em certos ambientes acadêmicos ou não acadêmicos.

Todavia, não adentramos a fundo nessa discussão envolvendo o que dizem os estudiosos atribuindo *a mea culpa* à tradição judaico-cristã, por uma suposta dessacralização da natureza, hoje atribuída às agressões que continuamente vem sofrendo a natureza, sobretudo no Ocidente. Mas, nos posicionamos com firmeza no fator religioso animando o homem do sertão, longe de admiti-lo partícipe da ideia de uma suposta dessacralização da natureza.

Refletindo sobre o fator religioso a animar o homem das caatingas, baseamo-nos, certamente, em nossas observações quando de nosso contato com aquela gente em seu viver na pobreza e cheio de mágoas, vimos admiti-los consolados pelos ditames de um catolicismo que os anima, levando-os a crer que seus penares serão recompensados na vida eterna.

Assim, lá vai nosso sertanejo em sua intimidade com as caatingas, portando uma religiosidade calcada num catolicismo, enquanto refúgio para seus anseios no partilhar com a aridez do semiárido em todas suas carências suportadas pelos ombros de quem ali vive. Vale aqui recordarmos que Max Weber, já referido atrás, consagra à moral econômica das religiões mundiais, entendendo-as como diz FREUND (1980: 153-156) em sua *Sociologia de Max Weber*, como aquelas, as quais (...) “*logram agrupar*

em torno de uma ideia religiosa ou de uma moral religiosa, uma massa de fiéis, dentre elas, o cristianismo”, embora Weber tenha ampliado essa visão de religiosidade, indicando, como está em Gabriel COHN (1979: 143-4), organizador de Weber - Sociologia, no capítulo 5 “Religião e racionalidade econômica”, Embora Weber trate aí das religiões asiáticas, [...] faz referência às “soteriologias – crenças de salvação populares, cuja demanda varia em intensidade conforme as diferentes camadas sociais. Todavia, tais soterologias asiáticas conheciam mandamentos que apenas eram acessíveis aos que levavam vida monástica. Procedimento religioso aquele, bem diferente da forma buscada no catolicismo pregado pelos jesuítas quando de seu trabalho de catequese em terras brasílicas, conforme documentado em cartas trocadas pelos inacianos, destacando como primordial para a salvação na eternidade, o cumprimento do sacramento do batismo.

Continuando pelas trilhas de Max Weber, vejamos o que diz Antônio Maspoli de Araújo GOMES (2000) em: *O pensamento de João Calvino e a Ética protestante de Max Weber* (2002), ao fazermos nossas suas palavras e de onde subtraímos os porquês, os quais regem o comportamento de nosso sertanejo, na convicção de que os infortúnios oriundos de sua vida de privações serão compensados na vida eterna:

No Catolicismo a riqueza é vista com desconfiança e projeta esta desconfiança naquele que acumulou bens nesta vida, pois ele se encontra excluído do reino de Deus. No protestantismo, ao contrário, a riqueza advinda do trabalho e da poupança é considerada como um sinal da benção do Senhor. E o acúmulo de bens é altamente valorizado. A doutrina da predestinação a qual afirma que Deus pela sua presciência e sabedoria, escolheu alguns para a salvação eterna, enquanto deixou outros entregues ao seu próprio destino eterno.

Assim, podemos com segurança admitir na postura arraigada em nosso sertanejo ou mesmo do brasileiro em geral, aquele que professa o catolicismo, que a garantia da salvação eterna esteja em outro caminho a ser seguido, bem diferente dos ideais protestantes. Neste sentido, vislumbramos a influência jesuítica, quando da formação da cultura religiosa em terras brasílicas do período colonial. Fomos buscar na documentação representada pela vasta correspondência trocada entre os inacianos, desde as primeiras missões jesuíticas junto aos indígenas no alvorecer do Brasil do sec. XVI. Era preponderante para garantir a vida eterna o cumprimento do *sacramento do batismo*, tal como constatamos em *Vida do venerável Padre Anchieta* escrita por seu biógrafo Simão de VASCONCELOS (1943 Vol. 2: 247), publicado pela primeira vez em Lisboa no ano de 1672:

“Batiza uma criança a ponto de morrer e dá-lhe vida”.

“Batiza outra e dá-lhe vida depois de enterrada”.

Pois vejamos, ainda, com relação ao sacramento do batismo garantindo a vida eterna, conforme consta da carta da Bahia pelo Padre António Blasquez ao Padre Diego Laynes em Roma, de 1º de setembro de 1561 (LEITE, Serafim, 1954 Tomo III: 394),

[...] Outro índio, venido de terras mui longe já mui enfermo, tratava el Padre de lo convertir y hazer Christiano para que, pues estava tan propínquo a la muerte moriendo en Christo regenerado, fuese a gozar de la vida eterna; pero aunque el en esto mucho trabajava, no podia acabar nada com el, dado que le parecia al índio mui bien todas las razones, que le dava el Padre, sino que quando le dizia si queria ir ver a Dios, respondia que aún no, por la ventura con miedo que el baptismo le causasse la muerte, cosa que los hechizeros o el diablo le tiene metido em la cabeza, desde el principio que los de la Companhia conversan com ellos. No desistia el Padre de le ablar de Dios las vezes que por a par dél passava, asta que un dia prepassando por el le dixo: “Pues aún no qieres se Christiano? Respondióle él, já mudado en outro hombre: Baptisame, que conosco que no tengo de durar mucho”. Respondióle él: “Para que te tengo de baptizar?” Dixo el enfermo: “Para yr al cielo”. Respondió le el Padre: “Como? No poderás ir al cielo si no fueres baptisado?” “No van allá sino los que fueren chrisitanos”. [...]

Sobre o trabalho educacional dos jesuítas no Brasil, escreve Aécio FEITOSA (1985: 211-216):

Estratégias do discurso dos jesuítas junto aos indígenas brasileiros.

Segundo o autor acima, três procedimentos diferentes, embora harmonicamente integrados, utilizaram os padres da Companhia de Jesus em seu discurso junto aos indígenas do Brasil. “Estes procedimentos, em vista à fidelidade essencialmente educativa a eles inerente, nos leva a identifica-los como autênticas estratégias pedagógicas elaboradas para esse discurso:

1ª Pedagogia do medo.

2ª Pedagogia dos seres sobrenaturais.

3ª Pedagogia cultural.

Estas estratégias, segundo o autor, foram identificadas a partir das cartas enviadas do Brasil à Europa, onde o termo “medo” é frequentemente empregado.

1ª Pedagogia do medo.

Perguntamos nós: onde estão as origens do medo que, dentro dos empreendimentos dos jesuítas do Brasil denuncia a presença de uma estratégia de natureza pedagógica?

Admite FEITOSA na obra acima referida, as origens situarem-se em 2 elementos:

1º no próprio contexto histórico-religioso europeu em que nasceu a Companhia de Jesus.

2º da observação como agiam os padres.

(...) quando a Companhia de Jesus nasceu o mundo católico europeu era sacudido pelo movimento reformista, quando a Igreja empreende diversas medidas: intensificação das pregações, apelo à fundação de ordens religiosas e a instalação da Inquisição nos países católicos. Referindo-se o autor ao medo diz “que ela manipula visando neutralizar os efeitos devastadores do luteranismo no meio católico. “[...] ela é um veículo da punição, do castigo que, por tais predicativos dissemina o medo”. [...] Uma certa teologia do medo se desenvolve [...] substituindo o amor, pelo temor a Deus”.

FEITOSA (1985: 211-16) cita cartas dos jesuítas, onde é encontrada essa pedagogia. Exemplo da carta de 15 de abril de 1549 do Padre Manuel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues:

[...] nestas terras torna-se necessário um Vigário Geral para castigar os grandes males que nelas se registram”[...].

Em outra carta de Nóbrega datada de 9 de agosto do mesmo ano: “[...] é urgente que um bispo seja enviado a estas terras [...] a fim de punir os males que constatamos”.

2º- Pedagogia do sobrenatural.

Esta pedagogia liga-se à estratégia no discurso dos missionários com respeito ao sobrenatural, da utilização “que eles fazem dos poderes, os quais lhes são conferidos por suas funções ministeriais, se apresentando ao índio como o detentor de vários poderes” Tal asserção está em carta de 17 de maio de 1552, de Vicente Rodrigues aos confrades de Coimbra, narrando que, apesar das resistências de um pai indígena, seu filho moribundo recupera a saúde “tão logo recebeu o batismo”.

Segundo lê-se à pag. 215 na obra acima referida, são apresentados “outros indicadores desses poderes como as orações, as relíquias de santos postas sobre as índias à beira do parto e ao *Agnus Dei* lançado ao mar para afastar as tempestades”, entre outros ditames..

3ª - Pedagogia cultural.

Como diz, ainda, Feitosa na obra citada, esta estratégia repousa na utilização de alguns valores da própria cultura indígena pelos padres da Companhia: língua tupi para ensinarem os índios a comporem manuais escolares, prepararem peças de teatro e musicais com o uso de seus próprios instrumentos, também, como forma de atraí-los à catequese.

Em resumo, segundo extraímos de FEITOSA (1985: 211-6), acima estão as três grandes estratégias do discurso dos jesuítas junto aos indígenas em seu trabalho de catequese. Estas, certamente, fincaram raízes nesse chão sacralizado, domínios, hoje, de Padre Cícero Romão Batista, ao sul do Ceará, por onde permaneceram inacianos com suas famílias constituídas, após a expulsão dos jesuítas por ordem do Marques de Pombal em 1759. Aí, certamente, disseminaram entre seus familiares e agregados, os valores contidos em seus ditames pedagógicos, expandindo-os, mesmo quando já afastados das lides sacerdotais. Quanto a padres constituindo família, recordamos o que diz Celso MARIZ (1980: 7): “Pouco se dava ao povo que muitos fossem misturando docemente o serviço de Deus com interesses da matéria, como amealhar dinheiro, entrar nos partidos políticos e ter filhos “[...] Ter filhos foi dos fenômenos da vida de padres e vigários dos séculos passados”.

A partir de João Tavares de CALIXTO JUNIOR em: lavrascce.blogspot.com/2011/achegas-historia-de-aurora-ce.html (em 4/3/2017), nos foi possível constatar a presença de jesuítas nas regiões que circundam a cidade do Crato, citando o Padre Antônio Leite de Oliveira descendente de outro padre, o jesuíta Alexandre Leite de Oliveira. Já se sabe, conforme informa o autor acima referido, que Alexandre Leite de Oliveira era proprietário no Crato dos engenhos Rosário e Cabreiro, casado com Tereza de Jesus Maria José, os quais foram os pais pelo lado materno de outro cura, o padre João Marrocos Teles. Por seu turno, Nertan MACEDO (1970: 29), diz em seu livro *Floro Bartolomeu*, que Padre Alexandre Leite de Oliveira era,

[...] egresso da Ordem dos Jesuítas, português, natural de Lisboa, paróquia de São Raimundo, nasceu em 1745 e faleceu em 1827, conforme se verifica a página 141 do livro *Povoamento do Cariri* de Antônio Gomes de ARAÚJO, edição de 1973. Dele descende Augusto Leite de Oliveira, nascido em Lavras da Mangabeira - CE em 1880 e falecido em Fortaleza- CE em 1977 .

Sobre o homem do sertão, o fitogeógrafo Philipp von LUETZELBURG (1922-1923, p.103-108) o qual viera de Munique, na Alemanha , em fins de 1910, com o intuito de estudar a flora brasileira e as regiões assoladas pelas secas do Nordeste, traçou em sua obra *Estudo botânico do nordeste* (1922-1923: 105-108) em 3 volumes, um pequeno esboço psicológico do sertanejo em sua ligação íntima com a natureza que o envolve, assim dizendo:

(...) O sertanejo com o qual convivi durante um decurso de dez anos, com o qual compartilhei os maus e bons dias, que sempre me auxiliou com os íntimos recursos ao seu alcance, não devo deixar de mencionar carinhosamente neste meu despretenso trabalho. “(...) A habilidade é o dom inventivo, na falta de maquinismos, tornou-se uma das principais qualidades do sertanejo, aproveitando o que lhe oferece a flora, fauna e em geral toda a natureza ambiente.”

Encerramos este texto com a certeza de que toda a natureza que envolve esse semiárido cearense, até onde a conhecemos se irmana com a alma sertaneja no vivenciar toda a sacralidade que dela emana, só bem percebida, sentida e partilhada por aqueles que ali vivem.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino. *Folhas sagradas – As plantas litúrgicas e medicinais nos cultos brasileiros*. Recife PE: Universitária da UNIPE; 1997.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. *Ações multifacetadas dos Tarairiú nos sertões das capitânicas do Norte entre os Séculos XVI e XVIII*. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

ARRIEN, Angelis. *O caminho quádruplo trilhando os caminhos do guerreiro, do mestre, do curador, do visionário*. TheFour-Foldday.narrior, teacher, healer and visionary

- Tradução: Eleny C. Heler. São Paulo: Editora Agora; 1993.
- ALVES, José Eustáquio Diniz, *A encíclica Laudato Si' :teologia integral, gênero e ecologia profunda*. The Encyclical Laudato Si': integral ecology, gender and deep ecology. Horizonte, PUC Minas v. 13, n. 39, p.1315-1344, jul./set. 2015.
- ASLAN, Reza. *Deus: uma história humana* (Trad. Marlene Suano Rio de Janeiro; 2018).
- BÍBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: Edição BARSÁ; 1967.
- CALIXTO JUNIOR, João Tavares de. Disponível em: lavras.blogspot.com/2011/achegas-historia-de-aurora.ce.html(4/3/2017)
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. *As plantas medicinais e o sagrado. A Etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil*. São Paulo: ICONE Editora; 2014.
- _____. *Homem – Natureza – Cereja. Etnofarmacobotânica-Caatinga-Padre Cícero* ICONE Editora; 2018.
- _____. *Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia - Universidade de São Paulo n.15/16; 2005/2006.
- CALIXTO Junior Tavares de, em:
lavrasc.blogspot.com/2011/achegas-historia-de-aurora-ce.html (em 4/3/2017).
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Editora Culrix; 1982.
- CARNEIRO, Henrique. S. *Afrodisíacos e alucinógenos nos herbários modernos: a história oral da Botânica e da Farmácia (sec. XVI ao XVIII)*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1997.
- _____. *Afrodisíacos e alucinógenos nos herbários modernos: a história oral da Botânica e da Farmácia (sec. XVI ao XVIII)*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1997.
- CARVALHO, Luzineide Dourado. *Natureza, Território e Conveniência. Novas territorialidades no Semárido Brasileiro*. Paco Editorial; 2013.
- CLOTTE, Jean, LEWIS-WILLIAMS, David. 1996. *Les chamanes de la préhistoire. Transe et magie dans les grottes ornées*. - Ed. La Maison des Roches. Paris. (Segunda edição com apêndice: *Après les Chamanes: polémique et réponses*, 2001).
- COHN, Gabriel. (Org.) *Max Weber: sociologia*. São Paulo: Ática; 1979.
- CUNHA, Antônio P. *O emprego das plantas aromáticas desde as antigas civilizações até o presente*. Disponível e: www. Antoniopcunha.com.sapo.pt/caplarom.htm [08/01/2012].
- DANTAS, Beatriz Goes. *Vovó nagô e papai branco – Usos e abusos da África no Brasil*.

- Rio de Janeiro. Graal; 1988.
- DEERR, Noel. *The history of sugar*. Chapman and Hall Ltd. London; 1949.
- DIAS, Claudete; Maria Miranda. *Povoamento e despovoamento: da pré-história a Sociedade escravocrata colonial*. FUNDAMENTOS VII–II Simpósio Internacional–
2006.
- ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das ideias religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores; Rio de Janeiro. 1979.
- _____. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes; 1996.
- ESCRITOS DE SÃO FRANCISCO. Petrópolis RJ; Vozes; Brasília DF: FFB, 2013.
- FEITOSA, Aécio. *Estratégias do discurso dos jesuítas aos indígenas brasileiros*. Instituto Cultural do Crato CE. Revista Itaytera n. 29: 211- 216; 1985.
- FERRI, Mário Guimarães. *Ecologia: temas e problemas brasileiros*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Edusp, Universidade de São Paulo; 1974.
- FOLHES, Marcelo Theophilo e DONALD, Nelson. *Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: O conhecimento popular à serviço da ciência. (Traditional weather and climate forecasts in Ceará lay knowledge in the service of science*. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 19 (2): 19-31, dez. 2007.
- FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária; 1980.
- GOMES, Antônio Maspoli de Araújo. *O pensamento de João Calvino e a Ética protestante de Max Weber, Aproximações e contrastes*. Fides Reformata 7/2. São Paulo, Editora Mackenzie; 2002.
- GOODALL, j.; VAN LAWICK H. *My Life among wild Chipampanzees*. *The Nat. Geog.* Vol. 124 n.2 (aug): 307; 1963.
- HARNER, Michael. *Alucinógenos y xamanismo*. Madrid Editorial Labor; 1976.
- JOLY, Aylthon B. *Botânica econômica. As principais culturas brasileiras*. São Paulo: HUCITEC/ Ed. Universidade de São Paulo; 1979.
- LEWIS, Wlateral H.; Elvin-Lewis. Memory P. F. *Botanical botany – Plants effecting man's health*. New York: John Wiley & Son; 1977.
- LIMA, Oswaldo Gonçalves de. *Observações sobre o vinho de jurema utilizado pelos índios Pankararu Tacaratú*. (PE). Arquivos do Instituto de Pesquisas Agronômicas. Recife: 4; 1946
- _____. *Pulque, balchê e pajauaru – Na Etnobiologia das bebidas e dos alimentos fermentados*. Recife PE: Gráfica do Recife; 1975.
- LUETZELBURG, Philipp von. *Estudo Botânico do Nordeste*, 2 vols. Edição Fac-similada, Rio de Janeiro: Ministério da Viação e Obras Públicas;

1922/1923. Coleção Mossoreense vol. CLXVI – ISAM/CNPq.

- LUNA, Eduardo. *The concept of plants as teachers among four mestizo shamans of Iquitos, Northeastern Peru*. Symposium on shamanism of phase 2 of the XIth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences, Vancouver: August 20-23, 1983. pp 20-23.
- MARIZ, Celso. *Ibiapina – um apóstolo do Nordeste*. João Pessoa PB: A União Editora; 1942. (Academia Paraibana de Letras).
- MULLER, Max. *Introduction to the Science of Religion*. Londres, Longmans, Green, 1873.
- PATATIVA DO ASSARÉ, Inspiração Nordestina. São Paulo: Hedra; 2006.
- PIRES, Maria Idalina da Cruz. *Guerra dos bárbaros: resistência indígena e conflitos no Nordeste colonial*. Recife: Fundarpe, 1990.
- PUNTONI, Pedro. *A Guerra dos Bárbaros: Povos Indígenas e a Colonização do Sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: Hucitcc: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2002. – (Estudos Históricos).
- QUER, P. Font. *Plantas medicinales. El Dioscorides renovado*. Espanha: Editorial Labor; 1988.
- RIBEIRO Daiany ALVES; Maria Scraya; ARAÚJO, Tatiane Maria Souza de; SILVA, Maria Arlene Pessoa da Silva *et al. Prioridade de conservação para espécies medicinais lenhosas em uma área de caatinga, Assaré, Ceará, Brasil*. *Caderno de Cultura e Ciência, Ano VIII, v.12, n.1, Jul, 2013 Artigo Científico Universidade Regional do Cariri – URCA ISSN 1980-5861*
- REIS, Emiliru Vilas Boas; Bizauw, Kiwonghi. *A Encíclica Laudato Si à luz do direito*. *Veredas do Direito, Belo Horizonte, v.12 n.23 p.29-65 Janeiro/Junho de 2015*.
- SA, Iêdo, Bezerra ; CUNHA, Jarbas Ferreira; TSURA, Tatiana Ayaco; DRUMOND, Marcos Antônio. *Mapeamento da desertificação da mesorregião Sul do Ceará com base na cobertura vegetal e nas classes de solos*. *Revista Brasileira de Geografia Física v.7 n.3; 2014 p.572-583*.
- SCHOBINGER, Juan. *La interpretación shamanica del arte rupestre: Comentario bibliográfico y Balance somero de dos décadas de estudios e discusiones*. *Anales de Arqueologia y Etnologia (2008-2009: 63-64: 21-41)*
- SCHOULTES, R,Evens, Hofmann, Albert & Rätsch, Christian. *Plants of Gods. Their sacred, healing, and hallucinogenic powers*. 2ª. ed. Rochester, Vernont Healing Arts Press; 2001.
- SIQUEIRA< Antônio Jorge. *A propriedade e os indígenas no Brasil Colonial*. *Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica*. N. 25-2, 2007.

- SOARES, Maria Simone Morais; FILHA, Maria Berthi Ide Moura. A formação dos arraiais nos sertões da Paraíba, Rio Grande do norte e Ceará em fins do século xvii. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais* Julho – Dezembro de Vol. 11 Ano XI nº 2; 2014.
- TEIXEIRA, Frei Celso Márcio. (Org.) *Escritos de São Francisco de Assis*. (Trad.) Frei Celso Márcio Teixeira. Petrópolis, RJ. Vozes; Brasília DF.; 2013.
- TERRA, Rute. *Memórias de luta*. Global Editora; 1983.
- TYLOR, Edward Burnett. *Primitive culture*. Londres, J. Murray; 1889.
- VASCONCELOS, Simão de. *Vida e obra do venerável José de Anchieta [1672]*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; 1943.
- VAGNER, Carlos G. *Chamanismo, magia, enteógenos y religión en la antigüidade*. Publicado originalmente em: *Roger Bastide e o Brasil*, Manaïra; 2004, pp. 39-68 (Religare 1)
- WALKER, Daniel. *Padre Cícero: Coletânea de textos*. Juazeiro do Norte, 2006. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/_FRs28VYXBw8/R6pGzhacdCI/Aeg/jVQDhecaHZ>
- WASSON, Gordon; Kramrisch S., Otto, J.; Ruck, C.A.P. *La busqueda de Perséfone. Los enteógenos u los origenes de la religión*. México: FCE; 1992.
- WEBER, Max. *Os pensadores*. São Paulo; Abril Cultural; 1980.
- WHITE Jr, Lynn *The historical roots of our environmental crisis*. Science 155: 1203-127; 1967.